

SIMPÓSIO AT072

DOSTOIÉVSKI E O ENCONTRO-DIÁLOGO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE DUAS PESQUISADORAS EM EDUCAÇÃO: MOVIMENTOS POSSÍVEIS?

DOSTOEVSKY AND THE MEETING-DIALOGUE FROM EXPERIENCES OF TWO RESEARCHERS IN EDUCATION: POSSIBLE MOVEMENTS?

LAZO¹, Lara Jatkoske
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro
lara@lazo@yahoo.com

FERREIRA², Débora Sara
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro
dsaraferreira@gmail.com

Resumo

O trabalho é composto coletivamente por duas pesquisadoras-educadoras-leitoras. Enquanto eixo teórico-metodológico, intenciona o diálogo entre a pesquisa narrativa e a autobiográfica (ARFUCH, 2010; YVANCOS, 2006; MOMBERGER, 2011) e propõe atenção e reflexão em aspectos que envolvem a escrita de si e a constituição de sujeito, partindo, como percurso metodológico, da obra de Dostoiévski, "Diário de um Escritor (1873)". A formação de vida somada à pesquisa acadêmica e à experiência de ensino são um triedro constituinte de metodologias de ensino, sempre em movimento. Portanto, este trabalho dialoga com a experiência-encontro de duas mestrandas em Educação, uma, professora de língua portuguesa do ensino fundamental II, que trabalha com literatura clássica, e outra, professora de artes, que, por entre espaços de leitura, escritas e vivências, trabalha com as narrativas de vida de mulheres. Ambos estudos se intensificam e dialogam a partir de reflexões sobre literatura e a escrita de si. Partindo do olhar para a experiência docente e pesquisadora, este trabalho propõe apresentar elementos que constituem o docente e o pesquisador que trabalham com literatura clássica e artes, como sujeitos autores na constituição discursiva de si e do outro. É fundamental a relação docente/pesquisador. Serão abordadas questões como: a individualidade e a pluralidade (BAKHTIN, 2015) na escrita; a consciência de si e do outro, enquanto espaço-tempo de "confrontos" de egos; a experiência de escrever, enquanto espaço de autoformação e modificação da realidade. Tomar-se-ão, por base teórica, também autores como Bakhtin, Barthes, Novaski, Freire, Larrosa, Rancière, Foucault, Deleuze e Guattari.

1 Dissertação de Mestrado: "Literatura Clássica e Práticas Artísticas: Narrativas e Estudos de uma Professora acerca da Formação do Leitor Adolescente".

2 Dissertação de Mestrado em andamento: "Narrativas de vida, (re)invenção de si: um estudo acerca da condição da mulher na contemporaneidade".

Palavras-chave: escrita autobiográfica; formação do leitor; literatura clássica; mulher; Dostoiévski.

Abstract

The work is composed collectively by two researcher-educator-readers. As a theoretical-methodological bias, it intends the dialogue between narrative and autobiographical research (ARFUCH, 2010; YVANCOS, 2006; MOMBERGER, 2011) and it proposes attention and reflection on aspects that involve the writing of oneself and the constitution of subject, starting the methodological course of Dostoevsky's work, "Diary of a Writer (1873)." The formation of life plus the academic research and also the teaching experience are a trihedron of teaching methodologies, always on the move. Therefore, this work dialogues with the experience-encounter of two master students in Education, a Portuguese Language professor of an middle school, who works with classical literature, and the other one, an Art professor, who, among spaces of reading, writing and living, works on women's life narratives. Both studies intensify themselves and also dialogue based on reflections about literature and the writing of oneself. Starting from the looking at the teaching and searching experience, this work proposes to present elements that constitute the teacher and the researcher who work with classical literature and arts, as being subject authors in the discursive constitution of oneself and of the other one. The teacher/researcher relationship is essential. This article will consider issues such as: individuality and plurality (BAKHTIN, 2015) in writing; the consciousness of oneself and of the other one, as being the space-time of ego "confrontations"; the experience of writing, as being a space for self-formation and modification of reality. Authors such as Bakhtin, Barthes, Novaski, Freire, Larrosa, Rancière, Foucault, Deleuze and Guattari will also be taken as theoretical basis.

Keywords: autobiography writing; reader formation; classical literature; woman; Dostoyevsky.

Introdução

O que pode um encontro-olhar? Quantos saberes e leituras de mundo compõem um encontro-leitura? O que pode a escrita, que movimenta a vida? Essas indagações se fazem primordiais para o início desse texto-encontro.

Este trabalho tem por objetivo trazer as narrativas de duas pesquisadoras-educadoras que se encontraram com a literatura, por entre espaços da educação, da Universidade e da vida. A partir da obra "O diário de um escritor" de Dostoiévski, iniciam-se algumas considerações e indagações acerca da pesquisa narrativa e autobiográfica, e são apresentadas experiências na educação, em forma de um "diário".

Como Dostoiévski, optamos pela escrita autobiográfica, pois buscamos, como pesquisadoras e docentes, "dançar" nas fronteiras do ato enunciativo

(BAKHTIN, 2016), com um olhar autorreflexivo. Tal escrita nos possibilita refletir no trabalho como extensão de nossas vivências, chegando ao outro pelo olhar ao particular e pelo "aprisionamento" das potências vividas na prática docente.

Iniciamos com Dostoiévski: "Mas vou falar comigo mesmo e, por prazer, em forma de diário, e veremos no que vai dar " (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 24).

De acordo com Larrosa, o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida, e a experiência é uma espécie de mediação entre eles: "A experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto, mas, em vivê-lo. É a partir desse ponto de vista que ler coloca em jogo o leitor e sua totalidade". (LARROSA, 2002). Ao nos encontrarmos com uma leitura que nos afeta, tecemos significados outros ao que nos acontece e nos perpassa, com atributos do sentir da experiência.

A investigação narrativa, de acordo com Connely e Clandinin (1995, p. 12), foca a experiência humana. Ao descrevermos aspectos da vida e da nossa história, autoconhecemo-nos, vindo a ser a autobiografia a intenção de "aprisionar" a experiência na linguagem, pela força enunciativa e pelos modo e estilo, no ato de transpor as potências do vivido à concretude da escrita, em que se possibilita o autoconhecimento e a transformação pela reflexão de si.

Para Lima et al (2015), pela reflexão da vida e de aspectos que nos marcam e nos afetam, é possível rememorar a nossa história e refletir sobre o presente. Assim, acreditamos na importância das questões autobiográficas na vida docente e em sua extensão ao outro, e vice e versa, sem a anulação de si.

A formação de vida somada à pesquisa acadêmica e à experiência docente são um triedro constituinte de metodologias de ensino que envolvem o movimento e não a postura fictícia de dono do saber, e que só se concretizam quando a atenção do professor foca a prática, ao considerar as teias enunciativas que se tecem no contexto de ensino/aprendizagem, e se intensificam, quando a experiência docente é potencializada pelo afeto, como espaço de aprendizagem (NOVASKI, 1988), no sentido de construção coletiva de sentidos, de liberdade e confiança, em que aquilo que nos acontece

(LARROSA, 2002) envolve um ambiente confortável e amigável, permissível de narrativas individuais que se "desfiam" dos alunos a partir do texto lido.

1. Diário de uma pesquisadora, educadora, leitora e bailarina

Chamo-me Lara, sou pesquisadora-educadora, leitora e bailarina.

Em minha Dissertação de Mestrado, "Literatura Clássica e Práticas Artísticas: Narrativas e Estudos de uma Professora acerca da Formação do Leitor Adolescente" (LAZO, 2018), optei pelo percurso metodológico da pesquisa narrativa e autobiográfica (ARFUCH, 2010), já que, para melhor compreender o processo de leitura, além de olhar para o outro, nada como também olhar para a própria formação leitora e me colocar como tal diante dos alunos. Para mim, exemplo fez a diferença, mas não apenas; foi preciso expressar o entusiasmo pelos livros, para que o exemplo se potencializasse. Ainda, nas aulas de língua portuguesa, pelo trabalho estético da linguagem literária, pela leitura associada a práticas artísticas, e por se colocarem professora e alunos no espaço da narrativa, potencializou-se o espaço afetivo e humano de prazer/aprendizagem, o que intensificou a experiência e a constituição de sentidos (pela complexidade no trabalho com os significados e sentidos), e favoreceu a leitura e a compreensão gramatical. Desse contexto, penso que "[...] não me surpreender com nada é bem mais tolo do que surpreender-se com tudo. Além do mais: não se surpreender com nada é praticamente o mesmo que não respeitar nada. O homem tolo é incapaz de respeitar." (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 89). Isso envolve questões de sentido. Mas, "conversando" com Dostoiévski, inicialmente discordei dele no que diz respeito ao tolo ser incapaz de respeitar. Após reflexões sobre os sentidos possíveis nessa afirmativa e sobre alguns questionamentos das minhas práticas em sala de aula, finalmente compreendi o que o escritor russo quis dizer. Em situações diversas, nós, professores, agimos tolamente, pois somos humanos, ou seja, naturalmente passíveis de ignorar, "desrespeitando" os alunos. Pois, o que se passa na mente de quem ouve a voz docente? É impossível saber completamente. Então ignoramos e

"desrespeitamos", de modo inconsciente, mundos silenciosos. Ignorar sempre será constituinte da aprendizagem, no lidar com o imprevisto, frustrações e desprazeres; o como lidar com o ignorar é um ponto importante no espaço enuciativo, pois não há texto sem espaços de silêncio. E, no limiar do ignorar e conhecer, está o verbo respeitar. Não é da "autonegação" (DOSTOIÉVSKI, 2016) do humano detrás do professor, que, entendo, deva partir uma metodologia. Se desejamos pessoas mais humanas, por que nos desumanizamos? Nas leituras de clássicos literários, no ensino fundamental II, a postura docente mais humana, com a naturalidade de um familiar, permitiu mais proximidade e troca de dúvidas e narrativas de vida, "costuradas" com os "fios" do texto literário lido. Há um confronto consciente do individual com o coletivo, no processo de ler e escrever, em especial, ao se trabalhar a leitura e a escrita com a atenção no estilo. Ao atentar na arte do texto conscientemente, permite-se ao aluno o olhar para si enquanto escritor e potencial de estilo. Busca-se, no desenvolvimento do leitor e escritor, o confronto temporal: o consciente ou ego, (relação espaço e tempo: nível do escritor), e o estado de leitura profunda e arte (tempo inexistente, em que o eu se dilui na coletividade da linguagem: nível do leitor).

O ambiente de leitura coletiva, o colocar-se, o espaço aberto ao diálogo, a afetividade como espaço de aprendizagem (NOVASKI, 1988, p. 25 - 30), a arte, e a despreocupação com o término do livro num prazo foram essenciais para que ela acontecesse com mais sucesso, possibilitando-me trabalhar a escrita dos alunos, por outros vieses, e chegar ao resultado de que os pontos essenciais na formação do adolescente leitor na escola são: atenção, memória, visibilidade mental, criatividade e participação de um adulto no ato de leitura.

2. Diário de uma escritora-militante

Sobre o que falarei? Sobre tudo o que me surpreender ou me fizer refletir. Se eu tiver algum leitor e, Deus me livre, um oponente, imagino que será preciso conversar e saber com quem e como conversar. Vou me esforçar para aprender, pois em nosso meio, ou seja, na literatura, isso é o mais difícil. (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 24)

Chamo-me Débora, sou pesquisadora-educadora em educação. A convite de minha colega de escritas-devaneios, Lara, encontrei-me com a obra de Dostoiévski, intitulada "O diário de um escritor". E, aproveitando a obra do autor, faço este relato em forma de diário, iniciando com a afirmativa de que escrever, em um momento de tantos movimentos contrários a tudo o que eu acredito, é de fato um desafio. Os tempos se fazem sombrios para as sonhadoras como eu. Mas me permito realizar este exercício, como forma de olhar para a minha própria prática e para as questões ao meu entorno.

A leitura sempre me moveu a caminhos outros. Afinal, o que pode um encontro-leitura?

Por meio da pesquisa de mestrado intitulada "Narrativas de vida, (re-)invenção de si: um estudo acerca da condição da mulher na contemporaneidade", foi possível ter experiências com o mundo da literatura, pela leitura-encontro. O estudo teve por objetivo pensar a condição da mulher, a partir das narrativas de vida de mulheres da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública do município de Rio Claro-SP. As oficinas foram um caminho fértil para a aproximação com a literatura. Nelas, realizamos a leitura do conto "Uma galinha" de Clarice Lispector e de trechos da obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus. Por elas, as participantes puderam encontrar-se com a literatura e compartilhar suas histórias de vida. Nesse contexto, coube a indagação: o que pode a literatura enquanto movimento(-s) que movimenta(-m) a vida? As narrativas de vida foram partilhas criativas. Potências de vida. As mulheres presentes puderam refletir sobre a própria condição, o que penso, enquanto mulher, ser uma maneira de criar fagulhas criativas em meio a tantas injustiças sociais que vivemos. E a narrativa de vida, nesse contexto, se fez potência, enquanto movimentos e possibilidades.

Quando nos deparamos com algum texto que nos marca e nos afeta, encontramos-nos com essa leitura. E esses encontros tornam-se férteis, quando, através deles, lemos criticamente o nosso mundo (FREIRE, 1989).

Na oficina em que nos encontramos com a leitura da obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus (2014), ao conversamos sobre a vida de

Carolina, as mulheres partilharam suas histórias, suas vidas. Destacaram questões, no que concerne à fome, assunto que se faz recorrente no diário de Carolina, e o fato da autora não ter marido, "motivo pelo qual ela não sofria violência física", além de questões acerca da prostituição, no sentido de que o ato de se prostituir não é considerado um exemplo de vida honesta.

Larrosa (2002, p.17) afirma que as palavras nos afetam e que acredita no seu poder, pois determinam o pensamento: "As palavras determinam nosso pensamento, porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras". Escrever, assim, ganha contornos e vida, ao atribuirmos sentido ao que escrevemos e ao que nos acontece. A escrita no contexto da vida ganha contornos poéticos. Afinal, o que pode uma escrita-inventiva?

Algumas considerações: devaneios inventivos

Em "Diário de um escritor" (DOSTOIÉVSKI, 2016), o dialogar com vozes que tecem os pensamentos recebe uma atenção pouco comum. Temos vozes na mente que conversam entre si, mas pouco atentamos nelas. Dostoiévski deu-lhes atenção, independência e relevo. Associamos, assim, a sala de aula, ou espaços educativos outros, a um organismo como a mente, em que vozes vêm de todos os lados, compondo-se. Quando atentamos nelas? Por que atentamos em umas e não em outras? Quando elas têm autonomia, como num romance de Dostoiévski? Qual é a nossa voz? A nossa atenção compõe um texto que lemos segundo a nossa formação e o contexto em que se dá a aula, tudo na medida do ignorar e do conhecer. E só é possível o conhecer, porque existe o ignorar. Essa interdependência torna este um elemento pedagógico essencial na relações interdiscursivas dos enunciados (BAKHTIN, 2015).

Também importante, no que tange à proposta metodológica desse texto-devaneio, é a escrita autobiográfica. Ao escrevermos o que nos marca e nos afeta, registramos a nossa singularidade. Nessa direção, Foucault (2006, p. 145) compara a escrita a uma pedra de toque, que revela os nossos pensamentos e

o que somos. No "Diário de um escritor", Dostoiévski registrou o que lhe saltava aos olhos, do mundo real. Portanto, neste texto-devaneio, trouxemos nossas narrativas de experiência em forma de diário, como maneiras de perceber e significar o mundo, seja pelo olhar da professora-pesquisadora, leitora e da bailarina; seja pelo olhar da pesquisadora que realizou oficinas com mulheres e que, pela literatura, pôde ler criticamente o mundo e partilhar narrativas de vida. Em tal direção cabe a indagação: o que pode uma escrita sobre a vida?

Referências Bibliográficas

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2015.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2019.

DELEUZE, G. **Kafka**: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

DOSTOIÉVSKI, F. **Diário de um escritor (1873)**. São Paulo: Hedra, 2016.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DELORY-MOMBERGER, C. (2011). Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, 2011.

NOVASKI, A. Mito e racionalidade filosófica. In: MORAIS, R. de (Org.) **As Razões do Mito**. Campinas: Papyrus, 1988. p. 25 - 30.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.